

# **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**



**José Matias Alves | Ilídia Cabral (Eds.)**

**Prefácio**

**João Costa**

**Mai 2020**

## **Ficha técnica**

**Título:** Ensinar e aprender em tempo de COVID 19: entre o caos e a redenção

**Organização e Edição:** José Matias Alves & Ilídia Cabral

**Prefácio:** João Costa

**Autores:** Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, Anabela Macedo, Anabela Sousa, António Oliveira, Carla Baptista, Cristina Palmeirão, Diana Soares, Fernando Paulo Sousa, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Irene Cortesão Costa, Isabel Lage, Joaquim Azevedo, Jorge Machado, Jorge Nascimento, José Matias Alves, Letícia Silva, Lídia Santos Sousa, Lília Silva, Luísa Pereira, Manuela Gama, Maria José Tavares, Marisa Carvalho, Paula Mota, Pedro Jesus, Raquel Duarte, Rogério Gonçalves, Rui Pedro, Sandra Lídia Rodrigues, Sofia Mendes, Sónia Soares Lopes, Vitor Alaiz.

**Paginação:** Francisco Martins

**Data:** maio de 2020

**Local de edição:** Porto

**Edição:** Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

**ISBN:** 978-989-54364-6-0

## 9. Digitais por obrigação

Cristina Palmeirão | [cpalmeirao@porto.ucp.pt](mailto:cpalmeirao@porto.ucp.pt)

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH)

A nossa responsabilidade é o nosso dever de cuidado do outro, de acolhimento do outro, que é o lugar onde nasce a necessidade imperiosa da justiça, o lugar onde a *polis* é essa praça de hospitalidade onde estão todos os outros, sujeitos e autores da história. Não há amanhã que cantam. Ou são os nossos passos que atravessam as fronteiras e reconhecem e cooperam e se comprometem ou não haverá mais caminho (ainda que se continue penosamente a caminhar sem se saber para onde).

Azevedo, 2011, pp. 336-337

### 1. Aconteceu ... 2020.

Em Portugal, o mês de março marca o começo de um novo tempo. O tempo COVID\_19 (OMS, 2020). Um tempo desigual de todos os outros já vividos. A pandemia instala-se. O ritmo de crescimento das pessoas infetadas ganha velocidade. As ruas esvaziaram-se. O trânsito desapareceu. As escolas fecharam. Em poucos dias fecharam também os mercados, o comércio de rua, as igrejas, as empresas, os grandes centros comerciais, ...

As casas encheram-se. Fica quem está. As visitas são suspensas - entre familiares, entre amigos, nos hospitais, nas estruturas residenciais, nas penitenciárias... A mobilidade entre instituições e países é proibida. A ordem é: Fique em casa. O apelo repete-se insistentemente. Os órgãos de comunicação social, públicos e privados, enchem os ecrãs mostrando os efeitos do Covid-19, reiterando a necessidade imperiosa de cumprir as medidas extraordinárias adotadas pelo governo para conter a propagação do vírus. O isolamento social torna-se uma estratégia vital para a segurança de todos, todavia uma medida difícil de levar a cabo, porque impede a “proximidade da mão amiga quando mais se precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo e o aplauso na vitória” (Bauman, 2006, p. 31). Ansiedade e medo relativamente aos que nos são próximos e em relação a nós próprios, sentimentos que se misturam com a responsabilidade maior de prover o bem-estar de todos e de cada um.

Realidades complexas que nos ajudam a melhor compreender a emergência rápida do teletrabalho e o de prover o *Ensino a Distância*, medidas obrigatórias para sustentar riscos maiores no campo da economia, da educação e em particular no projeto de vida de cada pessoa.

## **2. A ascensão do ensino online**

A mudança na escola no século XXI anima, desde há muito, diálogos plurais no campo do sistema educativo. Na base a evolução das sociedades e a necessidade de promover um paradigma educativo flexível, capaz de promover a aquisição de conhecimentos, competências e outras qualidades valorizadas nas novas sociedades. Um desafio ininterrupto que precisa acompanhar as vicissitudes do nosso tempo e, sobretudo, responder às singularidades das novas gerações. É forçoso articular pedagogias velhas e pedagogias novas (Resweber, 1995), no sentido de implementar pedagogias participativas (Formosinho, 2014) e assim promover uma ação educativa centrada na aprendizagem e com as pessoas. O sentido é o veiculado pelas cidades educadoras e, portanto, “a criação e desenvolvimento de todos os mecanismos possíveis de comunicação e participação de cidadania (...) assim como o máximo aproveitamento dos recursos existentes” (Villar, 2001, p. 15).

Tendo presente o panorama de pandemia em que vivemos e terminado o estado de emergência, iniciamos uma nova fase, desta vez, em regime especial de calamidade pública, onde o voltar às aulas só foi possível no formato de *Educação Online*, uma realidade manifesta que inviabiliza a pedagogia do toque e de proximidade e que obriga todos a ensinar e a aprender de modo digital, envolvendo a tecnologia eletrónica – computadores, internet, televisão, plataformas digitais.

A ascensão do ensino online não aconteceu de forma gradual, como desenvolvimento e reconhecimento das suas mais valias na didática do ensino ou como estratégia de motivação e de diferenciação pedagógica para os alunos. Sobre os primeiros recursos tecnológicos, enquanto ferramentas capazes para promover a inovação e a diferenciação pedagógicas passaram já longos anos. A este propósito, Marco Cruzeiro (2019), citando Costa (2009), reitera que “são pouco significativas as práticas escolares de utilização das ferramentas tecnológicas para aceder e trabalhar informação, produzir recursos educativos e potenciar aprendizagens mais ativas e

colaborativas (p. 283), isto apesar dos investimentos e criação, em 2007, do Plano Tecnológico de Educação!

Facto é que, sem negociação possível, o digital é agora uma obrigação sem prerrogativas, porque surge por efeito do Covid-19. “A pandemia expulsou os alunos da sala” e das escolas, não deixando outra alternativa que não o ensino online, a única solução possível para, de forma rápida, ativar o plano de contingência educativo e cumprir o ano letivo de 2019/2020 sem matar um ano na vida dos alunos.

Aparte estas contingências, o esforço de todos é real, professores, alunos e famílias, implicam-se e equacionam estratégias para se envolverem num movimento educativo ímpar, com um programa educativo e de aprendizagem desafiante, exigente e ainda muito trabalhoso por carência de uma cultura tecnológica regular, burilada na metodologia ação-formação-ação e com numerosas formas de ser utilizada.

No campo da concretização, as dúvidas instalam-se e as limitações avolumam-se em ordem às questões da equidade de acesso, eficácia e qualidade dos processos de aprendizagem, aos contextos e envolvimento familiar, ao volume das tarefas nas aulas síncronas e assíncronas, às novas conflitualidades e dificuldades que limitam o contato e a relação entre o humano e a tecnologia.

### **3. A mudança na relação entre o humano e a tecnologia**

Os paradoxos das sociedades contemporâneas, mais agora em termos de pandemia, geram a consciência e a necessidade de uma ligação humana *sui generis*, mormente no que respeita à relação entre o humano e a tecnologia. Um exercício complexo e particularmente difícil que mistura tempos, espaços, vidas e projetos e que tanto pode aproximar como afastar pessoas e instituições. O desafio é aprender a viver em tempo de pandemia, fazendo uma gestão parcimoniosa do que é do domínio pessoal, familiar, escolar, profissional e do cuidado. O ponto é decidir com a racionalidade possível, num exercício permanente de escuta ativa, enquanto competência nuclear para a boa comunicação, presencial ou a distância.

Face à nova situação, no domínio escolar e no papel de docente, importa gerar contextos educativos criativos, inovadores e inclusivos onde a comunicação assertiva é o trunfo que importa ativar para facilitar os processos de envolvimento e de aprendizagem, reformulando abordagens conotadas com o modelo escolar tradicional,

em ordem a uma práxis não diretiva, onde o conhecimento acontece por efeito da relação pedagógica construída entre professor-aluno e aluno e professor, em função da missão específica do ser professor. Isto é, “Pelo questionamento, pela pesquisa, pela narrativa, pela exposição, pela exemplificação, pela experiência, pela leitura orientada – sempre o professor é professor porque ensina, é professor porque o trabalho que dele se espera é gerar e gerir formas de fazer aprender, mesmo se, por vezes, o não consegue com sucesso” (Roldão, 2009, p. 47).

Assegurar a diversidade requer uma cooperação interativa que desafia a redefinição dos processos educativos em ações mais humanistas, flexíveis e possíveis de gerar dinâmicas, mesmo que à distância, de uma cidadania responsável triangulada entre Professores-alunos-família. Neste contexto de calamidade pública, o sentido de responsabilidade obriga ao uso de todos os meios para nos ligar uns aos outros e, claramente à “metamorfose da escola” (Nóvoa, 2020), com vista à criação de ambientes de aprendizagem inovadores e a uma aprendizagem cooperativa, carregada de intencionalidade pedagógica e de compromissos entre as pessoas.

#### 4. Notas de um percurso ... pessoal

Sorte a minha! A minha experiência em aulas *online* são uma realidade efetiva há já algum tempo. Uma estratégia estruturada e pensada para otimizar tempos pessoais e profissionais de pessoas adultas, muitas das quais já inseridas no mercado de trabalho, oriundas de diferentes partes do mundo. Uma dinâmica pedagógica reconhecida como positiva, articulada com as aulas síncronas, assíncronas e presenciais. Porém, o carácter obrigatório das aulas *online*, como imposição do isolamento social, gerou sentimentos contraditórios – no professor, nos alunos e nos professores-formandos; incertezas e preocupações.

De alegria por conseguirmos continuar ligados, em processos formativos e de aprendizagem; de angústia por nem sempre nos conseguirmos manter conectados por questões de natureza técnica e formativa; tristes por impossibilidade do encontro e do diálogo frente a frente. Com dúvidas e preocupados por desconhecermos o tempo que está para vir e se a comunicação e a aprendizagem acontecem de facto.

Resta-nos a esperança de que ***tudo vai ficar bem*** e, no momento, as palavras positivas de compreensão e de resiliência das pessoas com quem vamos tendo a possibilidade e o privilégio de interagir ainda que *online*. Concluo, parafraseando uma das minhas alunas. “Gosto e acredito

na metodologia criada (...) onde a proximidade e a troca se fazem presentes. Não me sinto desamparada ou sozinha nesse processo que estamos conhecendo e experienciando” (TP).

### **Notas Bibliográficas**

Bauman, Z. (2006). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Cruzeiro, M. ; Machado, J. & Andrade, A. (2019). Formação de professores e utilização das tecnologias digitais na escola. In *Revista Portuguesa de Investigação Educacional. Educação, inclusão e sucesso para todos*. nº19. Porto. Católica Editora, pp. 281-307.

Formosinho, J. (2014). Da aprendizagem da transmissão pelo ofício de aluno ao desenvolvimento de pedagogias participativas. In Formosinho, J.; Machado, J. & Mesquita, E. (2014). *Luzes e sombras da formação contínua. Entre a confrontação e a transformação*. Ramada, Edições Pedagogo, pp. 13-25.

Nóvoa, A. (2020). A Educação em tempo de pandemia. [https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i\\_Dpflo](https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo), 09.05.2020.

Resweber, J. (1995). *Pedagogias novas*. Lisboa: Teorema.

Roldão, M.C. (2009). *Estratégias de ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: FML.

Villar, M. B. (2001). *A cidade educadora. Nova perspectiva de organização e intervenção municipal*. Lisboa: Instituto Piaget.